

Bahia

Primeiro o alimento, depois o gado. A estratégia de Samara e Josenilton que, diante dos desafios do Semiárido, multiplicaram a produção de leite



Roçado de palma



Josenilton e Samara



Rebanho em manejo de semiconfinamento

Aos 32 anos, Samara Passos Souza é um exemplo da força da agricultura familiar no Semiárido da Bahia. Moradora do município de Mairi, sua jornada é marcada pela resiliência. Aos 16 anos, ela deixou sua comunidade para trabalhar em uma fazenda em Queimadas - Bahia, retornando em 2003 para Mairi. Foi então que conheceu Josenilton Afonseca de Souza, 43, com quem se casou em 2006. O casal morou em algumas fazendas, trabalhando de vaqueiro, e construiu uma família com três filhos: Kawanny (15), Pedro Henrique (13) e Evely Tamara (10).

Em 2016, Samara e Josenilton realizaram o sonho de adquirir sua própria propriedade: 12 hectares em Mairi, Bahia. O cenário inicial era desafiador: a terra estava sem beneficiamento e com vegetação extremamente seca. Embora o casal sonhasse em trabalhar com pecuária leiteira, a falta de estrutura era um obstáculo. Inicialmente, Josenilton manteve o trabalho como vaqueiro em fazendas vizinhas, enquanto Samara cuidava da casa e dos filhos.

A estratégia da sobrevivência no Semiárido

Ainda em 2016, a família iniciou a construção da casa e acessou uma linha de crédito do Agroamigo. O planejamento para o gado começou de forma estratégica em 2017: o casal investiu no plantio de palma, comprando mudas em outras regiões e transportando-as para a propriedade, antes mesmo de ter o rebanho.

Samara explica essa decisão com sabedoria: “primeiro tínhamos que começar a produzir alimento, porque sabíamos que o gado aqui só iria para frente com alimento garantido.” Essa percepção, segundo ela, veio ao conhecer outras experiências, reforçando que “o Semiárido ensina a viver, ele mesmo vai nos mostrando caminhos para sobreviver.” Somente após dois anos de dedicação ao plantio de palma e capim de corte, com uma base alimentar sólida estabelecida, vieram os primeiros animais.

Do desafio do escoamento ao aumento da produção

No início, a ordenha era realizada apenas pela manhã e o leite entregue ao consumidor final na cidade de Mairi, Bahia. Com o apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR, veio a oportunidade de adquirir um resfriador e firmar o fornecimento para uma empresa de processamento de leite. Isso permitiu que a família passasse a viver exclusivamente da propriedade, realizando a ordenha duas vezes ao dia.

Atualmente, a propriedade possui um rebanho de 20 animais, sendo 10 vacas produtoras de leite. A família produz cerca de 50% da alimentação do rebanho, entre palma, capim de corte e silagem, e o gado é mantido em manejo de semiconfinamento. Apesar da baixa incidência de chuvas na região, que exige a compra de água para o consumo animal, Samara é otimista: “Com a cisterna de produção será possível armazenar mais água nos períodos de chuva.”



Roçado de capim de corte

Josenilton no roçado de palma

O casal ainda realiza a ordenha manual

O P1+2 e o Fomento Rural: um divisor de águas e o olhar para o futuro

A chegada da cisterna de produção e do Fomento Rural representa um novo horizonte e Samara o descreve como um divisor de águas:

“Você vai tendo conhecimento, vai dialogando e vai conhecendo mais coisas. Tem gente que pensa que é só conseguir a cisterna, mas eu penso por outro lado: há coisas que aprendi que nem imaginava, sua mente se abre. Eu estou apaixonada pela viagem que fizemos para Ruy Barbosa. Já conversei com meus meninos e ano que vem, se Deus permitir, eles vão para a Escola Família Agrícola de Quixabeira. Estou encantada! Se não fosse este programa, essas viagens, esse conhecimento, eu nunca teria noção disso. É sempre bom a gente participar dos programas, porque a cada dia a gente vai aprendendo. Se você ficar naquela ‘bolinha’ achando que sabe de tudo, não sabe de nada, não.”



Samara Souza

Com a principal necessidade de armazenamento de água resolvida, Samara já sonha em diversificar a produção: “Agora vou investir nas minhas plantações. Antes eu não podia fazer uma horta, mas hoje já tenho em mente o local onde vou plantar minha horta orgânica, aumentar meu pomar e investir na criação de galinhas.”

Essa nova empreitada tem uma motivação especial: seu filho Pedro Henrique (13) deseja empreender com a produção de ovos e venda de galinhas abatidas. Samara enxerga a cisterna e o Fomento Rural como um incentivo para a permanência da próxima geração em atividades econômicas na propriedade, garantindo que o legado familiar continue a prosperar no Semiárido.